

Credores são mais de mil bancos

O Brasil tem uma dívida externa global com mais de mil bancos internacionais (sobretudo franceses, ingleses, alemães, suíços, canadenses, japoneses, árabes e americanos) de US\$ 57,2 bilhões, segundo informou ontem o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni.

A dívida com os bancos não inclui a dívida externa brasileira com instituições financeiras internacionais, governos estrangeiros e a dívida dos bancos brasileiros no exterior (daí totalizar US\$ 57,2 bilhões e não US\$ 88 bilhões) e é composta assim: US\$ 44,4 bilhões de dívida de médio e longo prazo; US\$ 8,8 bilhões de dívida de curto prazo; e US\$ 4 bilhões referentes a financiamento de operações de comércio exterior.

Os principais bancos credores do Brasil — 125 — estavam na reunião em Nova York e, segundo as autoridades brasileiras, são responsáveis por 90 por cento da dívida do País com as instituições bancárias internacionais.

A todos os bancos credores, aos que estavam em Nova York e aos que não foram à reunião, inclusive os pequenos e médios, (que constituem a maior preocupação do Governo brasileiro, porque deixaram de emprestar ao País), o Brasil, na reunião em Nova York e em telex do Banco Central, enviado anteontem, está fazendo quatro propostas de "financiamento global da dívida externa em 83", que pede sejam respondidas até 31 de dezembro.

Estas propostas já foram divulgadas, mas ontem o presidente do Banco Central fez questão de explicá-las com mais detalhes.

AS QUATRO PROPOSTAS

Primeira proposta — O Brasil pede aos bancos internacionais empréstimos adicionais de US\$ 4,4 bilhões (é o jumbo) para cobrir as necessidades de recursos externos em 1983, além do que seria preciso para as amortizações do principal da dívida.

Esses US\$ 4,4 bilhões vão representar um crescimento do *exposure* (risco) das carteiras dos bancos com o Brasil de sete por cento, no ano que vem, bem abaixo do percentual de crescimento dos outros anos, que era de dez a 15 por cento.

— E a parcela de dinheiro novo — explicou Langoni, informando que este empréstimo deverá ser subscrito pelos 125 bancos, os maiores credores do Brasil. Posteriormente este crédito poderá ser transferido para bancos pequenos e médios, caso voltem a emprestar ao País.

O prazo do empréstimo seria de 8 anos, com 30 meses de carência.

Segunda proposta — Rolagem, renovação, reforma ou renegociação das amortizações que vencem no ano que vem, no valor total de US\$ 4 bilhões.

O presidente do Banco Central disse que "quando o mercado estava normal, essa renovação era feita de forma implícita, quando o Brasil conseguia no-

vos empréstimos". Com a paralisação do crédito para o País, o Governo brasileiro está sendo obrigado a pedir uma renovação explícita, ou seja, que a renovação seja feita automaticamente a partir da data de vencimento das amortizações. Poderá ser feita diretamente com as empresas estatais, no caso de empréstimos contraídos pelas estatais, ou através do Banco Central.

Na verdade as amortizações em 83 chegarão a US\$ 7,2 bilhões, mas o volume restante, que não diz respeito a empréstimos com bancos, será "coberto da forma tradicional".

Terceira proposta — manter linhas de crédito comerciais para os bancos brasileiros. Essas linhas em 1982 reduziram-se para US\$ 8,8 bilhões e Langoni deseja que sejam mantidas neste mesmo nível de US\$ 8,8 bilhões em 1983. São linhas de financiamento para as exportações brasileiras.

Quarta proposta — manter as linhas de crédito de curto prazo para as agências dos bancos brasileiros no exterior. Os bancos brasileiros no exterior, segundo o presidente do Banco Central, foram afetados de forma injusta pela crise do mercado financeiro internacional. Langoni pede linhas no volume total de US\$ 10 bilhões (recomposição no nível de junho de 1982), para que os bancos brasileiros possam voltar a operar no mercado americano e londrino de *money market* (é o mercado aberto, de lá, e o mercado de crédito de curtíssimo prazo junto aos bancos).